

ONE BRAZILIAN POET:

MAURA DE SENNA PEREIRA SELECTION AND PRESENTATION BY
ALCIDES BUSS

TRANSLATED BY - NELIA SCOTT

- PEGGY DERRICK

- LAURA CARDOSO DUARTE

Maura de Senna Pereira nasceu em Florianópolis e é sem dúvida a principal representante feminina na literatura catarinense. Seguiu carreira no magistério e no jornalismo. Desde 1930, faz parte da Academia Catarinense de Letras. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, lá permanece, com notável dedicação ao jornalismo e à poesia.

Cultora basicamente do verso livre, sua linguagem poética se substancia de tocante e luminosa ternura humana. Do lirismo amoroso de alguns poemas, estende-se ao lirismo participante, nutrido na consciência das imensas contradições sociais e no desejo de um mundo de justiça e liberdade. Um mundo como uma "dália azul perfeita"!

Publicou os seguintes livros de poesia: Cântaro de Ternura, Poemas do Meio-Dia, Círculo Sexto (1959), País de Rosamor (1962), A Dríade e os Dardos (1978), Despoemas (1980) e Cantiga de Amiga (1981).

INTRODUCTION

Maura de Senna Pereira was born in Florianópolis and is without a doubt the leading woman poet of Santa Catarina. She followed a career in teaching and journalism. Since 1930 she has been a member of the Santa Catarina Academy of Letters. She now lives in Rio de Janeiro where she is continually noted for her journalism and poetry.

Essentially an author of free verse, her poetic language uses moving and illuminating images. Her poetry is known for its variations in theme and form, ranging from lyrical passion to themes of social justice.

She has published the following books of poems: Cântaro de Ternura, Poemas do Meio-Dia, Círculo Sexto (1959), País de Rosamor (1962), A Driade e os Dardos (1978), Despoemas (1980) e Cantiga de Amiga (1981).

INTEMPORAL

Simples fêmea das cavernas
ou nascida no século vinte e um
carregaria sempre esta flama, esta
ânsia que me faz - na escuridão
de um mundo em estertor -
querer antecipar
o alvorecer
com tintas fortes de revolta e amor
Assim, nas primitivas eras, sujeita
aos quase-bichos, decerto pensaria
em conceber um homem. E - irmã
dos homens quase-livres de amanhã -
sonharia com outros passos para a frente
com o século trinta e sete talvez
 (ou quarenta e cinco
 ou cinquenta e três)
enfim com o ser humano já liberto
e sendo já a Terra
dália azul perfeita - sem traço algum
de sangue e desamor.

("Intemporal")

OUT OF HER TIME

A simple cavewoman
or one born in the twenty-first century
would carry this flame forever, this
anxiety that makes me - in the darkness
of a dying world -
want to anticipate
the dawn
with strong hues of revolt and love
So, in primitive times, subject
to the animal-like, she would certainly think of
conceiving a man. And-sister
of the nearly-free men of tomorrow -
she would dream of other strides forward
of the thirty-seventh century perhaps
 (or the forty-fifth
 or the fifty-third)
anyway with the human spirit already free
and the earth being
a perfect blue dahlia - without a single trace
of blood and end-of-love.

BUSCO A PALAVRA

Não a que vem de mitos nem de lendas
a que traz resquícios do passado
nem mesmo dos bosques frescos do porvir
em que por vezes me hei refugiado
A palavra que decerto jamais escreverei
pois a que tenho escrito - tenho rasgado
por imprecisa, inócua, ataviada
Breve ou não, quero-a brava e exata
espelhando o homem do meu tempo
Busco a palavra em que lateja o presente
a hora que o relógio marca
fim de centúria e de milênio
era superapocalíptica
Nem o transato nem o amanhã
só esta hora mesma e conflagrada
de agora
na palavra em que meu semelhante veja
a sua face
e nosso tempo em meu texto
e diga: está certo, irmã.

CANTO NATURAL

liberdade, igualdade - retornarão depois
não agora sobre estes lençóis desfeitos
em que entregue estou inteira ao teu querer
a carne rendida penetrada
a língua sugada como um favo
o lábio mordido como um figo

sou fêmea ou fruta sobre o leito
mas subo até o teto e as estrelas
e é possível que apedrejem o meu canto
algum juiz severo ou varonil matrona
esquecidos de que de um ato assim eles vieram
de que um ato assim é que povoa a terra

nem sempre porém com esta chama
(de igual deveria nascer cada menino)
que não se apaga no orgasmo findo
e me fará até ainda amassada
ancila radiante levantar-me
e oferecer-te vinho.

("Canto Natural")

NATURAL SONG

liberty, equality - they will return later
not now on these rumpied sheets
on which I give myself entirely to your wanting
rendered, penetrated flesh
tongue sucked like a honey-comb
lip bitten like a fig

I am female or fruit upon a bed
but I rise up to the ceiling and the stars
and it is possible they will stone my song
some severe judge or valiant matron
forgetting that from such an act they themselves came
that from such an act the earth is peopled

not always however with this flame
(from the likes of which every child should be born)
that is not extinguished at the end of orgasm
and will make me even while still crumpled
a radiant slave rising
to offer you wine.

A CHAVE

Ah, vou devolver-te a chave. A oferta amável
servirá a outrem. A mim só serviria
se esta chave abrisse
as portas de uma cidade
onde todos morem em paz

Não tem este dom a chave que me dás

Há unção no sono (repara
qualquer ser adormecido)
O sono não deve ser turbado
e na cidade do meu sonho
todos saudarão a manhã nova
com a alegria de ter bem dormido

O pão é a festa simples
de cada dia - e todos rodearão
a copiosa mesa posta

O trabalho é direito de cada um
e após o desjejum
tomarão seus instrumentos:
livros arados pincéis machados

Quando o crepúsculo chegar
pintado de mênstruo e violeta
todos voltarão livres ao lar

A chave que me dás - dizes - é para
decifrar o além
para abrir o que - segundo crês - vem após o fim
E o meu tema não é o além: é o bem da vida
Vou devolvê-la
vou devolver-te a chave em seguida.

("A Chave")

THE KEY

Oh, I am giving back the key. The friendly offer
will do for someone else. For me it would only serve
if this key was to open
the doors of a city
where everyone lives in peace

The key you gave me has no such gift

There is blessing in sleep (look
at any sleeping being)
Sleep should not be disturbed
and in the city of my dream
everyone will greet the new morning
with the happiness of having slept well

The everyday bread is a simple feast -
and everyone will sit round
the plentiful table

Work is the right of everyone
and after breakfast
they will take up their tools:
books ploughs brushes axes

When sunset comes
painted menstrual and violet
everyone will return home free

The key you gave me - you say - is to
decipher the unknown
to open that which - you believe - comes after the end
and my theme is not the unknown: it is the good of life
I am giving it back
I am giving the key back right away.

A PROFECIA

Quando me libertei dos profetas bíblicos
em boa hora ainda, cor de aurora,
num manifesto muito claro e honesto
indignados fariseus vaticinaram
que eu terminaria na sarjeta

Entanto
nesta hora já de esmaecidas papoulas
estou onde sempre estive:
no meio da praça
Estou no meio da praça
e canto
envi
ando
amor

às sarjetas aos bordéis às prisões
aos que trazem grilhetas e mordanças
aos oprimidos de todas as raças
aos famintos de pão e de justiça
aos que nascem em manjedoura
aos que morrem na cruz

E aos que já desmascararam a tola hipocrisia
e arreventaram todos os grilhões
eu mando ainda "uma rosa branca"

Estou no meio da praça
e canto.

POEM BY MAURA DE SENNA PEREIRA
TRANSLATION: LAURA CARDOSO DUARTE

THE PROPHECY

When I got rid of the biblical prophets
yet in good time, aurora color,
in a clear and honest public declaration
indignant Pharisees foretold
that I would end in the gutter

Nevertheless
in an hour of already faded poppy
I am where I have always been:
in the middle of the square
I am in the middle of the square
and I sing
send
ing
love

to the gutters to the brothels to the prisons
to the ones who are in fetters and gags
to the oppressed of all races
to the ones who do hunger after bread and justice
to the ones who are brought forth in mangers
to the ones who are crucified

And to the ones who have already unmasked the fool hypocrisy
and broken all fetters
I even send "a white rose"

I am in the middle of the square
and I sing.

EU NÃO VEREI A AURORA

Quando este mundo imundo desabar
caírem as ditaduras, a ignomínia das torturas
tiver fim, os povos forem
livres e fartos, as castanhas saltarem
festivas em todos os pratos
a longa noite acabar
eu não verei a aurora

Eu não verei a aurora
e saúdo com aleluias
todos aqueles que a verão
temendo somente que ela não venha
logo resplandecente e, ao surgir,
traga ainda estigmas do século
pálidos painéis de guerras e holocaustos
sombrias manchas de mártires e déspotas
sinistras forcas esmaecendo
ainda doendo antes de tragadas
pelo esplendor da nova gênese.

I SHALL NOT SEE THE AURORA

When this unclean world collapses
dictatorships fall, ignominy of tortures
have an end, peoples are
free and satisfied, the chestnuts leap
cheerfully in all plates
the long night finishes
I shall not see the aurora.

I shall not see the aurora
and I welcome with halleluias
all the ones who will see it
fearing however that it will not come
in its resplendency, but as it arises,
it still brings stigmas of shame
pale panels of war and holocaust
gloomy blemishes of martyrs and despots
sinister fainted gallows
still causing pain before being swallowed
by the splendor of the new genesis.

CONSUBSTANCIAÇÃO

Quando me deito nos teus canteiros mornos,
Jurerei-mirim, Isla de Los Patos, Santa Catarina,
não me basta a alegria telúrica
de ter nascido em ti
nem o pensamento quase bíblico
de que sou feita do teu barro.

Meu corpo é o teu imenso corpo de ilha
e meu sangue o rasgão líquido dos teus rios
a linfa nervosa das tuas cachoeiras
a água matuta das tuas lagoas.
Plantas rebentam de tuas carnes, de meus chãos
e sinto-me carregada da tua seiva e do teu pólen
em todas as idades
desde tua própria pré-história
até mesmo o teu por-vir.
Quando me levanto
a sacudir a tua poeira morena
e ungida como o perfume de vinte lírios novos
e mulher e ilha deixam de ser uma unidade pagã
ainda sinto me prender e me abraçar
e envolver, implacável, a tua existência cósmica
o abraço varonil do mar.

CONSUBSTANTIATION

When I lie down on your lukewarm flowerbeds,
Jurerê-mirim, Isla de los Patos, Santa Catarina,
neither is enough the terrestrial enjoyment
of having been born in you
nor the almost biblic thought
that I am formed out of your clay.

My body is your immense island body
and my blood is the liquid gash of your rivers
the nervous lymph of your rapids
the rustic water of your lagoons.
Plants burst from your flesh, from my ground
and I feel myself laden with your sap and your pollen
in all ages
since your own prehistory
until your future.
When I get up
to flick your brown dust
and anointed with the perfume of twenty new lilies
woman and island abstain from being a pagan unity
I still feel seizing me hugging me
and involving me, merciless, your cosmic existence
the manly hug of the sea.